

MANIFESTAÇÃO DE ESPOROTRICOSE EM 115 FELINOS ATENDIDOS NO COMPLEXO PÚBLICO VETERINÁRIO

Bianca de Sousa Teixeira Silva^{1*}, Aldair Woyames Pinto²

¹Médica Veterinária no Complexo Público Veterinário de Belo Horizonte – CPV – Belo Horizonte/MG – Brasil – *Contato: bianca.tss@icloud.com

²Médica Veterinária, diretor do Complexo Público Veterinário de Belo Horizonte e docente do Centro Universitário de Belo Horizonte - UniBH – Belo Horizonte/MG – Brasil

INTRODUÇÃO

A esporotricose é a micose subaguda ou crônica, mais comum da América Latina (BRUM et al., 2007) causada pelos fungos do gênero *Sporothrix* (RODRIGUES et al., 2014), dos quais o *S. brasiliensis* é o mais prevalente no Brasil (RODRIGUES et al., 2014)^{1,2}. O fungo está altamente disseminado na natureza e é encontrado principalmente em material orgânico em decomposição e lugares quentes, como regiões com clima tropical e subtropical (REED et al., 1993).¹

A doença acomete o homem e muitos animais, especialmente os felinos domésticos (WEESE; FULFORD, 2011) e a ocorrência se dá através de surtos epidêmicos, sendo também considerada doença de caráter ocupacional.¹

A infecção ocorre por inoculação do agente, isso porque, o fungo não é capaz de penetrar na pele íntegra, portanto a infecção ocorre por contato com solos e plantas contaminadas, e menos frequentemente pela inalação de conídios. Uma vez inoculado pode permanecer no local e desenvolver lesões nodulares que ulceram centralmente e drenam exsudato, ou podem se disseminar pela via hematogênica e/ou linfática estabelecendo-se nos olhos, TGI, SNC e outros órgãos (ETTINGER; FELDMAN, 2004)^{1,2}.

O período de incubação em humanos varia de 3 dias a 6 meses (RESENDE; FRANCO, 2001) e nos animais, de 1 a 3 meses (WERNER; WERNER, 1993).

Sabe-se que felinos, em especial os machos não castrados e de vida livre, apresentam um importante papel epidemiológico (FARIAS, 2000; LARSSON, 2011)^{1,2}, já que os gatos têm o hábito de arranhar árvores, cavar buracos, cobrir dejetos com terra, afiar as unhas em tronco de árvores; além disso, têm comportamento territorial muito forte, participando de disputas, o que facilita a remoção do fungo de seu habitat natural e disseminação por sua localização no espaço subungueal dos animais (BARR; BOWMAN, 2006).¹

O presente trabalho tem o objetivo de relatar a descrição de 115 casos de felinos atendidos de março a julho de 2023 no Complexo Público Veterinário através do “Projeto Esporotricose” instituído pela Prefeitura de Belo Horizonte.

METODOLOGIA

Os felinos foram atendidos através do projeto “Esporotricose”, em posse do diagnóstico citológico, sendo em três situações, fornecido pela unidade de zoonoses da região domiciliar do tutor; fornecido por atendimento veterinário particular ou pelo atendimento no Complexo Público Veterinário, todos com laudo de citologia.

Foram coletadas as seguintes informações através de questionário:

1. Endereço do tutor
2. Identificação do paciente: sexo, idade, raça, peso
3. Qual o histórico de vacinação?
4. Qual o histórico de vermifugação?
5. Possui acesso à rua?
6. Convive com outros animais?
7. É castrado?
8. Quando começou as feridas?

Os dados foram tabelados com a foto dos animais e respectivas lesões, descrição com as características sintomatológicas e locais acometidos. Os animais foram acompanhados mensalmente com registros fotográficos.

Usou-se um padrão de posologia, sendo o *Itraconazol* a droga de eleição, na dose 100mg/animal, SID; associado ao *Iodeto de Potássio* 20mg/animal, SID. Estes medicamentos foram manipulados e disponibilizados gratuitamente durante todo o tratamento. Todavia, os tutores obrigatoriamente precisavam voltar mensalmente, uma vez que, o kit era entregue para uso durante 30 dias e a cada retorno, recebiam mais medicamentos sucessivamente até a alta médica, que incluía a administração terapêutica por no mínimo 3 meses e era estendido por 30 dias após a resolução de todas as lesões e desaparecimento de todos os sinais clínicos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram atendidos 115 animais no período de 18/03/2023 a 15/07/2023, destes, 76 eram machos e 39 fêmeas.

Em relação à saúde, os animais foram agrupados e considerados “vacinação” aqueles que possuíam protocolo completo, incluindo três doses de vacina múltipla (V4 ou V5) sem ter em conta se de origem nacional ou importada, “vermifugados” aqueles com no mínimo um protocolo completo com duas doses, independentemente do princípio ativo administrado e “castrados” aqueles que possuíam histórico cirúrgico (tabela 1). Além disso, foi considerado o acesso à rua se o animal conseguia evadir o terreno domiciliar, sendo que dos 79 machos, 63 tinham acesso à rua e de 39 fêmeas, 29 tinham.

Tabela 1: Perfil sanitário dos animais atendidos (Fonte Autoral).

Sexo	Casos confirmados	Castrados	Vermifugados	Vacinados
Macho	76	19	20	1
Fêmea	39	19	19	2

O quesito vacinação e vermifugação não impactava diretamente a ocorrência, gravidade de sintomas ou predisposição ao desenvolvimento da doença. Entretanto, esse perfil sugere que é necessário a realização de educação sanitária. Os animais não vacinados não receberam ou tinham apenas uma dose de vacina antirrábica aplicada nas campanhas públicas.

Dos animais atendidos, 4 apresentavam reinfecção, sendo este o segundo protocolo de tratamento ocorrendo em duas situações, por interrupção do tratamento antes da alta médica ou por reinfecção.

Em relação ao acesso à rua, a contaminação ocorria por dois motivos, o animal voltou para casa doente ou teve contato dentro do território residencial com um infectado que não era tutelado.

Da totalidade dos pacientes, 5 vieram a óbito espontaneamente antes da resolução completa do caso. Ademais, houve 13,9% de taxa de abandono ao projeto, justificado substancialmente, pela melhora clínica dos casos que incentivava os tutores o não retorno para continuidade.

Entre os estudados, 60 conviviam com outros felinos, 2 conviviam somente com cães e 17 conviviam com ambos. Porém, não foram relatadas contaminações de cães. Em relação aos tutores, 5 apresentaram a doença após mordedura ou arranhadura do animal tutelado contaminado.

A dermatose é descrita na literatura como feridas nodulares ulceradas centralmente, com bordas irregulares e exsudativas, geralmente de conteúdo purulento, hemorrágico ou marrom-acastanhado, com predominância em regiões de cabeça, dorso e porção distal dos membros que se tornam progressivas por auto inoculação e não são resolutivas com tratamentos tópicos ou outros medicamentos sistêmicos. Notou-se que nos animais do estudo, as lesões se localizavam majoritariamente em região da cabeça, com acometimento externo de orelhas bi ou unilateral, região ocular próxima a carúncula lacrimal e no plano medial dos seios nasais.

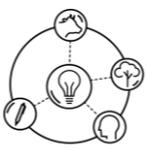
O aspecto das lesões mais comumente descrito foi “lesão ulcerada centralmente com conteúdo exsudativo seroso purulento” seguido “lesão circular crostosa com áreas alopecia”, sendo em placas ou solitárias.

Houve 3 pacientes com severidade na apresentação das lesões com prejuízo de funções oculares e/ou respiratórias e/ou mastigatórias (fotos 1, 2 e 3 respectivamente).

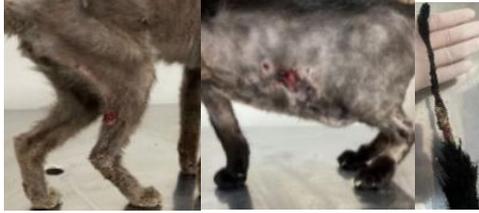


Fotos 1, 2 e 3: três machos com manifestação severa das lesões em face e comprometimento de funções (Fonte: Autoral)

XIII Colóquio Técnico Científico de Saúde Única, Ciências Agrárias e Meio Ambiente



Do mesmo modo, três animais apresentaram alopecia generalizada acompanhada de rarefação dos pelos em região ventral e no rabo (fotos 4, 5 e 6, respectivamente).



Fotos 4, 5 e 6: três pacientes apresentando rarefação de pelos e alopecia, respectivamente (Fonte: Autoral)

O edema de seios nasais, comumente chamado de “nariz de palhaço” e considerado sinal clássico da doença esteve presente em 69 animais, representando 79,35% da totalidade dos doentes (foto 7 e 8). E, destes, 20 apresentavam infecção do trato respiratório superior, manifestada por espirros, respiração ruidosa acompanhada de dificuldade e secreção mucopurulenta em narinas.



Fotos 7 e 8: Pacientes com nariz de palhaço (Fonte: Autoral)

A eutanásia foi realizada em 1 paciente, que apresentava acometimento severo total de face (foto 9), contactante com outro felino positivo e, ambos não eram responsivos ao tratamento antifúngico associado a antibioticoterapia e anti-inflamatórios. Neste único caso, foi realizado cultura, que revelou crescimento bacteriano múltiplo e contaminação ambiental, sem visualização de estruturas fúngicas.



Foto 9: Paciente com manifestação agressiva da doença (Fonte: Autoral)

Outros achados incluíram crescimento com aspecto nodular do plano nasal (foto 10, 11), perda de dígitos pela progressão da ferida (foto 12 e 13) e úlcera indolente (foto 14)



Fotos 10 e 11: crescimento de aspecto nodular do plano nasal (fonte: autoral)



Foto 12 e 13: perda de dígito por progressão da ferida (fonte: autoral)



Foto 14: úlcera indolente (fonte: foto autoral)

O período médio de tratamento foi de cerca de 6 meses, sendo que os animais em alta médica tiveram boa responsividade ao tratamento, sem demais complicações (tabela 2).

Tabela 2: Resultados (Fonte: Autoral)

Total de animais	Óbitos	Eutanásia	Abandono de tratamento	Alta médica
115	5	1	16	90

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A esporotricose têm se tornado progressivamente preocupante, principalmente em relação à saúde pública por contaminação inter e intra espécies. Felizmente, os protocolos padrões terapêuticos ainda possuem eficiência no combate e cura da doença, são de fácil acesso e prática administração. Apesar disso, é necessário realizar educação sanitária para a população acerca do comprometimento ao tratamento, castração e domiciliação destes animais para o controle sanitário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



APOIO:

